



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES:—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana.—*Os portugueses no Nyassa*, por Pinheiro Chagas.—*Justiça gratuita*, por Alberto Telles.—*A humanidade de Voltaire*, por Sergio de Castro.—*Miss Carey*, conto, por José Maria da Costa.—*As nossas gravuras*—*A riv.*—*Em familia (Passatempos)*.—*Sobre o tumulo de um velho padre*, versos, por Alberto Osorio de Castro.—*A nere*, conto, trad. de Nazareth Chagas.

GRAVURAS:—Branco Rodrigues.—*D. Izabel de Labourdonnay Gonçalves de Pinho*.—*Madame Carnot*.—*O conselheiro Rodrigues Bastos*.—*Dr. José Isidoro Jorge*.—*Zerbi, a torre das cabeças*.—*Higinia Balaguer*.

CHRONICA

Tenho andado fugitivo, sequestrado ao bulicio, atacado d'uma indolencia e d'uma morbidez verdadeiramente orientaes, sem alentos para ver o que á roda de mim se passa, prescrutando apenas os phenomenos que se dão no meu proprio individuo, no meu eu extraordinario, indecifavel, enfermisso.

Depois, os dias amanhecem pardos e tristes. Pairam ao longe trovoadas surdas. E este tom pardacento do ceu, e estas trovoadas exquisitas que se desencadeiam lá para as bandas do sul, entorpecem-me o cerebro e ensombram-me o espirito, tornando ainda mais profundo o desejo que sinto de me isolar, de fugir ao contacto do mundo, de nada ver, para não ter nada que contar.

Encontro-me velho, querida leitora; e a velhice doentia é assim, egoista e retrahida; sabe-lhe bem a vida pacata, isolada e methodica. Não podendo ter sorrisos nem alegrias, faz-lhe mal ver sorrisos alegres nos labios dos outros, e foge d'elles, mordida pela inveja que os seus jubilos lhe provocam.

Ahi estás tu a rir, despreoccupada e feliz! Bem te vejo, bem presinto o turbilhão d'alegrias doidas que te enchem a alma. E devendo ser tu quem me contasses a historia da semana, porque os velhos gostam de ouvir contar historias, como as creanças, sou eu que tenho de t'a contar a ti, eu, que nada vi e nada sei, aqui escondido e triste!

Vaes a Paris, disseram-me. Já mandaste fazer as malas e tens já promptas as *toilettes* frescas de viagem.

Depois, ainda atordoadas pelas visões soberbas d'aquelle quadro feerico, sem sequer teres tido tempo de limpar o pó das tuas botinas delicadas, irás ás aguas, aqui e acolá, á Nazareth e ao Egypto, sempre sorridente e sempre *coquette*, mostrando, n'um bello riso encantador, os teus dentinhos meudos e brancos aos companheiros de villegeatura...

Que te importa pois saber o que se passa cá de portas a dentro? Em que pode interessar-te este bulicio réles d'onde se não destaca uma unica nota distincta e elegante, este *brouhaha* d'uma sociedade *syndicalista* e *burguesa*, que luta pela vida desde manhã á noite e se descompõe nos jornaes?

Queres ver a folla das caradas nocturnas do parlamento da



Branco, do attentado do Porto, de todos esses successos já narrados pela imprensa diaria e discutidos no soalheiro indigena? Queres?

Pois seja, e escuta-me.

As sessões nocturnas de S. Bento, minha querida, fôram inventadas por uns proceres libertinos, ainda frescalhotes, e por uns deputados de vida airada, todos elles casados, que andavam desejosos de dar a sua canivetada no contracto matrimonial, a deshoras, fôra do aprisco, escudando-se, perante as consortes ciumentas, com a votação urgica de varios projectos de lei importantes, *pro patria*.

O interesse pela causa publica a servir de tapadoira a toda a casta de infidelidade conjugal. A politica a collaborar na obra de devassidão dos srs. deputados e senadores! Vê tu!...

Ahi pelo pino da meia noite, os infieis debandam do parlamento, e vão epilogar as saturnaes da politica com outras saturnaes no *restaurant* do Silva, em gabinete reservado, protegidos pela certeza de que os pacatos da opposição e da maioria hão de votar dezenas de projectos, por entre bocejos, até aos primeiros clarões da aurora.

E enquanto as caras metades protestam, no frio isolamento do thalamo, contra a malvadez da politica descarada, que lhes rouba as caricias legaes dos consortes amados, elles saboreiam, em deliciosos *tête-à-tête* com mundanas loiras, a bella *mayonnaise* de lagosta e a appetitosa morangada de champagne com rodelas de laranja.

De vez em quando, os fazedores de leis enchem-se de brios, e votam, *au grand complet*, pela noite adiante, alguma coisa boa e santa. E' quando teem jantado bem e o estomago repleto lhes inspira uma pouca de compaixão pelos infortunios ou pela miseria dos outros.

Succede isto muito raras vezes, porque a politica é avessa a obras de misericordia, mas succede.

O que ella não faz nunca, embora cheia das melhores intenções, é obra completa e limpa.

Um conto de réis de pensão annual votada a Camillo, ao grande mestre, ao brilhante e indefesso trabalhior, que passou o melhor, o bom da sua vida, enriquecendo com joias de incomparavel valor a litteratura portugueza, um conto de réis por anno a um vulto d'esta estatura, que está pobre, que está quasi cego, é dadiua mesquinha e ridicula, embora chegue ás mãos do glorioso prosador envolta nas palavras alevantadas e primorosissimas de que a fez acompanhar Guerra Junqueiro, o poeta mais genial do nosso tempo.

Com um conto de réis por anno agraciou a munificencia do governo—escreveu-se ahi algures—um dos cumplices no attentado que nos ia roubando a vida preciosa de Pinheiro Chagas. Mais do que isso tem, entre nós—ordem rica apesar de serem muitos os frades—qualquer burocrata *hautement placé* e cuja sapiencia nem sempre chega para a tarefa de minutar um simples officio.

Trabalhar durante uma longa vida, e trabalhar como Camillo, em delicadissimas e inimitaveis filigranas de estylo, para ser, depois de velho e meio cego, equiparado em proventos ao José da Calçada, é simplesmente triste...

E ahi tens, boa leitora amiga, porque eu não queria contar-te nada, esquivando-me aos commentarios suggeridos pela minha rabugice de velho enfermo, de velho que cada vez desadora mais os homens, para mais e mais profundamente adorar os cães.

Ahi tens porque eu me não sinto disposto a entrar, nem ao de leve, na apreciação das boas ou más intenções que levaram o governo a offerter á corôa o palacio e o parque da Pena; porque não me atrevo, decididamente, a fallar-te da ridicula comedia do attentado do Porto, nem dos comicios de Lisboa, nem da luz electrica da Avenida, nem da illuminação do resto da cidade, cantada talvez cedo de mais pela boa fé pacovia do nosso jornalismo diario.

Vae para Paris, vae, e gosa, e diverte-te, se as tempestades atmosfericas que se annunciam não pozerem entraves á tua partida. Vae, e quando estiveres, boquiaberta e maravilhada, já no alto da torre Eiffel, a muitas leguas d'aqui e bem perto do ceu, arrancando pedacos ás nuvens com a tua mãozinha setinosa e branca, esquece-te de mim, esquece-te da chronica, e não te lembres de que ha no sul da Europa um pequeno e

OS PORTUGUEZES NO NYASSA

Já por mais de uma vez nos temos referido a's esplendidos artigos que o nosso talentoso consul em Newcastle, o sr. Batalha Reis, tem escripto nos jornaes inglezes em defeza dos nossos direitos na Africa, da prioridade dos nossos descobrimentos, e refutando com energia e muitas vezes com *humour* as extravagancias que a nosso respeito dizem aquelles nossos fieis alliados.

O successo que estão tendo em Inglaterra, a facilidade com que são recebidos nos mais importantes jornaes inglezes, provam que, acima de tudo, o que é preciso é que se desfagam na Europa e sobretudo na Inglaterra as lendas que correm a nosso respeito. O publico inglez é naturalmente imparcial, e, se escuta com mais attenção, como é natural, os que attribuem á Inglaterra todas as glorias e querem ampliar cada vez mais a expansão ingleza, não tem contra nós uma animadversão internacional, e está prompto a escutar o que dissermos em nossa defeza.

E' claro que, se deixarmos senhores do campo os exploradores inglezes que não querem senão deprimir-nos como a rivaes e emulos que temem e os embaraçam nos seus intentos, conseguiremos em Inglaterra a fama de um ninho de escravagistas, de um povo inepto, vaidoso e incapaz. As apaixonadas apreciações de Livingstone serão as que terão curso, na Inglaterra, não só porque estarão sós em campo, mas tambem porque o famoso viajante escossez está sendo verdadeiramente um idolo para os seus compatriotas. Mas, se nós dissermos da nossa justiça, não na nossa lingua ignorada, e protestando aqui n'este canto contra as injurias de quem nos não ouve, mas lá mesmo em Inglaterra e nos jornaes inglezes, e na lingua ingleza, a opinião publica modificar se-ha, porque nenhuma razão terá para deixar de se convencer, quando se lhe mostrar cabalmente, com factos e com documentos, que sômos nós que temos razão e não os que nos deprimem e desacreditam.

Foi esse o pensamento do sr. Batalha Reis, que soube executal o brilhantemente, graças ao seu incontestavel e superior talento de escriptor, á facilidade com que se assenhoreou da lingua ingleza, ao seu estudo profundo, e tambem um pouco á sua indole de polemista, que o torna muitas vezes um adversario temivel para os massudos e solemnes correspondentes dos periodicos inglezes. E' incalculavel o serviço que o sr. Batalha Reis está prestando ao seu paiz; é notabilissimo o exemplo que elle está dando; e se tantos homens illustres do nosso paiz, que nos estão representando no estrangeiro, fizessem o que o sr. Batalha Reis está fazendo, não correriam tantas lendas a nosso respeito.

Dêmos em tempo conta de varios artigos escriptos pelo sr. Batalha Reis em periodicos inglezes, mas recebemos agora um, que appareceu n'uma das mais notaveis revistas de Edimburgo. O artigo intitula-se *The Portuguese in Nyassaland*, e foi acertadissima a escolha que o sr. Batalha Reis fez d'essa cidade e d'esse paiz para ir missionar a nosso favor. Effectivamente as missões do Nyassa são essencialmente escossezas; é na Escossia que a sua causa é principalmente advogada; são os deputados escossezos que a sustentam no parlamento; é ella o foco da propaganda contra nós. Foi alli tambem que o sr. Batalha Reis foi fazer propaganda a nosso favor.

A revista intitula-se *The Scottish geographical magazine*, e quiz o acaso que no mesmo numero em que apparecia o brilhante artigo de Batalha Reis, apparecesse tambem uma carta de Stanley, enviada por este celebre explorador á *Real sociedade geographica escosseza*, onde Stanley tem sido um dos nossos mais pertinazes diffamadores. E' natural que elle receba na Africa o fasciculo do *Scottish geographical magazine*, o fasciculo em que vem a sua carta, e deve desesperal-o o artigo escripto por esse audacioso portuguez, que vae ao foco das suas intrigas destruil-as e derribal-as.

Trata o sr. Batalha Reis de demonstrar que não foram os Inglezes, mas sim os Portuguezes, que descobriram e exploraram o lago Nyassa e as suas margens, a região do Chire, a região que fica entre o Nyassa e o mar da India, a região a sul do Nyassa.

Cita trechos de uma carta do padre Luiz Mariáes escripta de Tete em 1891.

em 1859 que eram *ignoradas* antes d'elle! E Drummond declarava o lago Nyassa *completamente desconhecido*, e Waller affirmava que o tenente Cardoso fôra em 1836 o primeiro portuguez que chegára ao Nyassa.

A região do Chire entre o Zambeze e o Nyassa, fôra percorrida no principio d'este seculo por Ignacio de Menezes, em 1824, por João de Jesus Maria acompanhado por outros; em 1841, em 1853, em 1858 novas viagens portuguezas, sendo uma d'ellas empreendida por Candido da Costa Cardoso, que Livingstone conheceu e de quem falla.

A região que fica entre o Nyassa e o mar das Indias é conhecida pe os Portuguezes desde os principios do seculo XVII. Em 1616 um Portuguez, Gaspar Bocarro, sãe de Tete, passa para o outro lado do Zambeze, atravessa as terras de Bororo, dorme vinte e cinco dias depois em Morumba, chega ao lago Nyassa, atravessa-o, passa para o norte, nove dias depois está nas margens do Rovuma, vac dormir a um sitio chamado Muangongo, e vinte e oito dias depois está em Quiloa ou Kilwa como os Ingleses hoje dizem.

Essa região mantém sempre commercio com os Portuguezes; explora-a uma companhia subsidiada pelo marquez de Pombal, cujo nome se encontra em todos os grandes commettimentos portuguezes d'estes ultimos tempos. Os regulos d'esse paiz reconhecem a preponderancia portugueza, auxiliam Serpa Pinto, auxiliam Augusto Cardoso, e recentemente ainda valem em criticas circumstancias a Antonio Maria Cardoso.

Nas regiões a oeste do Nyassa impera tambem a influencia portugueza. Um inglez, Montagu Kerr, reconhece que desde muito o marfim e o ouro vindos d'essa região, constituem os principaes artigos do commercio de Tete. Francisco de Sousa já falla no *Oriente conquistado* em chefes d'essa região, que foram prestar homenagem ao governador Francisco Barreto.

Alli estabelecem *bores*—quer dizer centros de exploração—em Machinga, Mixonga, Java, Causissa, Chinsundo Missale, Mano, negociantes portuguezes; em Marimbo estabeleceu-se em 1827 uma colonia portugueza. Em 1796 alli vai a expedição portugueza de Miguel Caetano Pereira; em 1798 a do dr. Lacerda; em 1806 a 1811 a do coronel Honorato da Costa; em 1831-1832 a de Monteiro e Gamitto; em 1854 a de Silva Porto, que, saindo de Angola, atravessou o Zambeze em Tete, passou ao norte do lago Chirua, e foi terminar essa viagem ao norte do Rovuma. E, contudo, os geographos inglezes escrevem que nenhum Portuguez antes de Serpa Pinto e Cardoso em 1885, explorou o interior da Africa oriental; que nenhum portuguez augmentou os conhecimentos europeus a respeito d'este paiz; que nenhuma nação, a não ser a Inglaterra, tem trabalhado na Nyassalândia.

E note-se, conclue Batalha Reis, nas margens do Nyassa não apparece o governo inglez, ao passo que todos estes exploradores portuguezes teem sido commissionedos pelo governo, teem representado a soberania do nosso paiz.

Isto é que é necessario dizer nos jornaes inglezes, e principalmente nos escoceses, e por isso dizemos e sustentamos que Batalha Reis está prestando a Portugal relevantissimos servigos.

PINHEIRO CHAGAS.

JUSTIÇA GRATUITA

Tres distinctos juriconsultos portuguezes enviaram á commissão executiva do congresso juridico, que ultimamente se celebrou em Lisboa, theses sobre a gratuidade da justiça. Foram os srs. conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, lente jubilado da faculdade de direito na universidade de Coimbra, que por muitos annos regou a cadeira de direito penal e foi nosso respeitavel mestre, Joaquim Maria da Silva, reitor do lyceu nacional do Santarem o advogado na mesma cidade, e Manuel d'Arriaga, licenciado na faculdade de direito, antigo deputado da nação e advogado nos auditorios da corte.

A theza de Manuel d'Arriaga, conselheiro Henrique Secco e

ção essencial da dignidade dos magistrados que a administram.» Finalmente, a do sr. Manuel d'Arriaga foi a seguinte: «A justiça orphanologica, enquanto não fôr conjunctamente obri-gatoria e gratuita, será mais oppressiva do que tutelar, e causa de vexames e muitas vezes de ruina dos proprios tutelados.»

A commissão executiva do congresso juridico, perfilhando o principio, enunciado n'essas theses, da gratuidade da administração da justiça, mas sem restricção ao processo criminal e orphanologico (talvez proposta em razão da equidade devida á triste situação dos reus e dos orphãos, e principalmente d'estes, porque a maior desgraça que pôde succeder a um filho é perder seu pae ou sua mãe), formulou-as em uma só these, a saber: «Deverá ser gratuita a administração da justiça, principalmente no orphanologico e criminal?» E incluiu-a na primeira secção—direito publico—do programma do congresso, vindo a ser a these 2.^a

Não é novo o pensamento de acabar os emolumentos judiciais, pois já em 1832 dizia o celebre estadista Mousinho da Silveira que «arruinavam o melhor character primitivo». Mas é muito conveniente insistir n'essa idéa, embora o longo espaço de mais de meio seculo não bastasse para a fazer vingar.

E' certo que no relatorio das propostas de lei apresentadas á camara electiva, em 28 de fevereiro de 1860, pelo ministro da justiça, que então era o sr. conselheiro João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martins, se lê o seguinte:

«Apresento-vos tambem outra proposta para a extincção das muitas judicias e dos emolumentos dos juizes e agentes do ministerio publico, sentindo que difficuldades que somente de vagar se podem vencer não permitam tornar extensiva esta medida a todos os funcionarios judicias.

«As muitas judicias revestem duplicado character de imposto e de pena; e debaixo de qualquer d'estas formas são inconvenientes e immoraes. Como imposto, porque é lançado onde não ha materia tributavel, e longe de recair sobre um lucro recai sobre uma perda; como pena, porque em haver-se enganado ou sido illudido sobre a existencia de um facto ou na apreciação de um direito ninguem poderá descobrir um só elemento de criminalidade. Se houve erro e imprudencia, baste para correcção a perda que o condemnado soffreu, e a inutilidade das despesas que fez.»

Em conformidade com essas ideias, as propostas de lei determinavam no artigo 168.^o e seu §. 1.^o a extincção dos emolumentos directamente recebidos pelos juizes e agentes do ministerio publico, sem distincção de categoria, nos processos e actos relativos ao exercicio de suas funcções; declarando, porém, que os emolumentos continuariam a ser cobrados para o Estado pela forma estabelecida nas ditas propostas, que não chegaram a ser convertidas em lei.

Tambem o *Projecto de organização judiciaria* da commissão de legislação civil da camara dos senhores deputados, de 10 de março do anno proximo passado, em que se transformou a proposta de lei sobre o mesmo assumpto apresentada ás côrtes pelo actual sr. ministro da justiça, estalece no art.^o 21.^o: «Os juizes administrarão a justiça, gratuitamente, percebendo os vencimentos constantes da tabella n.^o 1.^o;» mas, quanto aos magistrados do ministerio publico, diz o artigo 137.^o: «Os magistrados do ministerio publico perceberão os ordenados constantes da tabella junta a esta lei, sob n.^o 2.^o, e os emolumentos que lhes competirem nos termos da tabella judicial;» e, pelo que toca aos juizes das relações, quando sejam relatores, dispõe a tabella n.^o 1.^o: «Os juizes das relações, além dos ordenados e do terço, nenhuns outros emolumentos receberão senão o de relatores.» Ainda assim, conforme o disposto na mesma tabella, não acabam de todos os emolumentos para os juizes do direito, que ficarão vencendo a percentagem de um terço do producto dos emolumentos cobrados na mesma comarca por actos seus. Em conclusão, pelo mencionado *Projecto*, continuariam a ser pagos emolumentos aos juizes, mas não da mesma forma; e, para que não reste a menor duvida n'este ponto, eis aqui o pensamento do legislador expresso com a maior clareza a pag. 46 do parecer da commissão: «O principio da gratuidade da judicatura mal se harmonissa com o pagamento previo ou immediato de alguns actos dos juizes. Agora é o Estado quem pelos seus representantes recebe os preparos, salarios e emolumentos, dando periodicamente aos juizes a terça parte que lhes for devida.» E a esta sentença é que, segundo o *Projecto*, a justiça é gratuita—

é que tanto ao rico como ao pobre seja licito demandar em juizo, e que todos, com dinheiro ou sem elle, possam ir igualmente bater ás portas do templo da justiça. Seguiu esta opinião o esclarecido retator da these 2.^a do *Programma do congresso juridico*, o sr. Joaquim Maria da Silva, que nos considerando do seu relatorio expoz desassombradamente esta doutrina:

«Considerando que, enquanto os pequenos, os fracos e os pobres carecerem de pagar o processo para obterem reparação dos aggravos causados pelos seus inimigos, a sua mesma pobreza ou fraqueza, e a expolição soffrida hão de confirmar essa espolição e aggravos, legitimando-os o tempo, pelo silencio da lei e da auctoridade, que não poderão ser ouvidas, por não poderem ser chamadas ás devidas reparações;

«E, ao mesmo tempo:

«Considerando que, não só pela igualdade formal perante a lei, mas ainda porque os pobres e os fracos não são menos susceptíveis de praticarem injustiças do que os ricos e poderosos, não se deve negar a estes o que seja concedido áquelles;

«E, ainda:

«Considerando que a sociedade, e particularmente os que a constituem, não soffrem injustiças e perturbações nos seus direitos só quando se commetteu um crime, ou se empregaram meios violentos; porque toda a invasão, ou usurpação de um direito, embora particular, é uma perturbação da ordem e da lei, perturbação que a sociedade não deve consentir de braços cruzados, só porque está, ou ficou sem meios de ouvir o usurpado ou offendido—(que aliás podera fallar, se o chamassem a dizer)—; visto como toda a injustiça é uma relaxação, senão é quebra dos vinculos sociaes, que a todos interessa sustentar.»

A secção de direito publico, apreciando assim a these como o relatorio, approvou-a, fazendo-lhe a seguinte modificação: «Deverá ser gratuita a administração da justiça como uma das funções do Estado.» Levada á sessão plenaria do congresso, foi essa a primeira these que se discutiu e approvou. Pelo que se pode dizer que o congresso iniciou bem os seus trabalhos.

Cumpre aqui notar que o sr. Torres Campos, como juriscônsulto de nação estrangeira, declarou que essa questão não offerecia grande interesse para a Hespanha, porque alli já nem os juizes de direito nem os representantes do ministerio publico recebem emolumentos; subsistindo porém as custas. Esta solução, que salva a dignidade da justiça, foi aceita pelo sr. conselheiro Sepulveda Teixeira, integerrimo juiz da relação de Lisboa, que votou pelo pagamento das custas para evitar a chicana e a agglomeração dos processos. Mas esta objecção tinha sido habilmente prevenida pelo relator da these: «Nem pareça—diz elle—que o facto de ser gratuito o processo originaria maior numero de questões no fóro, porque o exemplo de muitos annos, durante os quaes foi gratuito o processo administrativo, provou o contrario; e em boa razão se reconhece que assim deve ser, porque um processo, mesmo gratuito, traz incommodos e despesas consideraveis, que não convidam a intental-o por qualquer futil motivo, além de que á sociedade assiste o direito de prevenir e de punir os que abusassem; sendo certo, por outro lado, que, sem quebra das indispensaveis garantias dos direitos individuaes, o processo poderia ser reduzido e simplificado para dispensar um bom numero de funcionarios e volumes inuteis nos processos».

O congresso, que não era uma assembléa politica, e só tinha por fim discutir e votar theses de direito de importancia geral e utilidade pratica, approvou um bom principio, que ainda espera pela suprema consagração da lei.

Mencionando as diversas tentativas que se tem feito para o introduzir na nossa legislação e as phases porque passou antes de reunido o congresso e durante a celebração d'elle, até ser afinal votado, cremos ter reunido elementos bastantes para se formar opinião segura sobre o assumpto. E ali ficam tambem riscados os principaes fundamentos para a reflectida elaboração de uma providencia legislativa que possa realisar algum dia entre nós mais um verdadeiro progresso:—a justiça gratuita.

ALBERTO TELLES.

A HUMANIDADE DE VOLTAIRE

poeta ou n'um artista, poderá parecer superfluidade, n'um tempo de falsa critica, cheia de preocupações, em que apenas se dá importancia ao ultimo figurino das sciencias e da litteratura, das artes ou das modas. No entanto não nos parece superfluo dizer duas palavras de vulgarisação sobre o homem que mede pela craveira dos gigantes; do philosopho, do poeta, do romancista, do dramaturgo, do encyclopedista, em summa, que mais trabalhou nas officinas do pensamento, em 70 annos de lucta com o preconceito, com o absurdo, que elle queria desbistar, como o medico que procura o allivio d'uma enfermidade chronica.

Até hoje, para a grande maioria dos homens que sabem ler, Voltaire tem apenas dois aspectos: para os chamados livres pensadores elle é, em materia de religião ou de politica, um santo demolidor; para os fanaticos de seita ou para os ingenuos d'alma, Voltaire foi um atheo, um materialista, um demonio de descrença.

No entanto que de variadas *nuances* offerece a sua individualidade poderosa a quem se embrenha pela sua Obra, que é uma Encyclopedia! Na religião é um simples dos primeiros tempos do Christianismo, prejudicado pela forma externa da ironia; na politica, é um prodromo do systema constitucional, que lhe apparecia como uma nebulose, que o seculo XVII em Inglaterra começára a fazer germinar; como poeta, no theatro ou na epopeia, representa a primeira transformação gigantesca do mundo antigo vestindo-se á moderna, querendo viver nova vida nos costumes e na legislação; na philosophia é o amalga de mil escolas, o cahos de mil idéas, a ruina de muitas civilisações, onde o seu genio, porém, lança o primeiro raio de luz, que de tenue se fez deslumbrante, illuminando como um sol, de modo que em meado do seculo XIX, ali por 1848, Augusto Comte de toda essa junção de materiaes, que ao trabalho de Voltaire se tinham ido reunindo, poudé purificar o criterio da philosophia positiva, liquidando ou depurando a lei dos tres estados e a classificação das sciencias!

Com uma hyperbole genial, no entusiasmo dos seus 18 annos, o poeta Guerra Junqueiro dizia a seguinte quadra:

Da humanidade o ventre em luta horrenda e fera
A produzir-te, heroe, tres seculos gemeu,
Mas como a lava altiva irrompe da cratera,
Assim surgiste tu, ó sombra de Romen!

E' formosissimo o exagero do poeta; mas se para representar com realidade o Hamlet, o rei Lear, o Othello, foi necessario que a humanidade produzisse um homem, o Rossi, para comprehender a doutrina de Voltaire foi necessario um seculo, aquelle em que vivemos, seculo que, se acaso se mostra decadente, immoral, cheio de enfermidades, é porque levou uma existencia de valente na sua mocidade gloriosa de trabalhador. O seculo XVII não o chegou a comprehender; deslumbrou-se com o seu genio, deu-lhe a apothose em vida; acompanhou-o na estrada da gloria da residencia Villete á Academia, na memoravel sessão de 20 de março de 1778; coroou-o em frente Franklin, mais santo do que elle, mas muito menos humano; deu-lhe como *reporter* a Condorcet, mas esta toda admiração de extasi era da natureza d'quella que os fetichistas têm pelo Sol! Possuia a intuição da sua doutrina; não possuia a comprehensão d'ella. Se a tivesse, a revolução ficava em 89, e não ia a 93: o salvador do Sirven não podia inspirar o assassinato de Chenier.

E' claro que nós não vamos escrever uma biographia de Voltaire, respigando em Brangham, generalizando como Eugéne Noel, extractando de Larousse. Não vamos declamar como um jacobino, que nunca o leu, nem abocanhar-lhe a grandeza immortal, como um missionario, que nunca o sentiu. Da sua grande individualidade vamos destacar uma feição, um traço, um aspecto, como das obras dos escriptores de genio se transcreve um trecho glorioso.

Essa feição, esse traço, é para bem dizermos um bocado da sua alma, uma amostra do seu espirito, um retalho do seu coração immenso, que como o Hugo, vivia ao mesmo tempo na Humanidade e na Familia, em Pariz, a *urbis* moderna, como nos... patriarchados de Ferney ou de Jersey, na dóca intimidade da natureza não, com que só os delicados se entendem.

Porque para muita gente boa Voltaire não tinha alma, visto que o abbade de Belin, Belin não lhe poudé recôlher a alma.



D. IZABEL DE LABOURDONNAY GONÇALVES DE PINHO

ca viveram, houve alguém que mais fosse enegrecido pela calúnia vil. Lapidado em vida como na morte; e ainda hoje, que mais de cem annos passaram depois que elle fechou os olhos á luz, são mais os improperios, que lhe atiram á immortalidade, do que as flores que lhe são esparzidas sobre a sepultura.

Pois nós vamos mostrar o oiro de que era feito o seu coração.

SERGIO DE CASTRO.

MISS CAREY

N'uma das ruas mais pittorescas do Funchal, que ia ter á praia, as pequenas do Almeida trabalhavam em bordados, sentadas negligentemente na esteira, á porta da casa.

O sol cahia a pino, e eram raros os passeantes por aquelle lugar, um pouco retirado do bulicio da alfandega e da gritaria dos carreiros.

Só de um a outro momento, cortava a monotonia africana da rua um villão, no seu trajo gracioso e fresco, ou dois bois correndo rapidos, jungidos a uma especie de machila, dentro da qual o perfil anguloso e impertigado de um inglez de suíças de rábano, se entevia envolto nos veos fluctuantes do capote de brim crú, no fundo discreto de umas cortinas corridas.

O espectáculo dos louros filhos d'Albyon, arrastados em carros sem rodas, ou fazendo piaffar os cavallos de aluguel nas terríveis e escorregadias calçadas da ilha, não é cousa que surprehenda ninguém, e por isso a conversa das Almeidas com as vizinhas adquiria a *nuance* colorida das intriguinhas de soa-lheiro, com o mesmo alastramento intensivo com que nas suas mãos a linha azulada zigzagava nas tiras de entremeio, compridas e largas nas extremidades, como estólas de padres.

Dizia uma velha com nariz de abutre e ares de grande physionomista:

— Ah! vem o medico, de casa da ingleza. Como elle vem carrancudo! A pobresinha da *miss* da á casca!

— Coitada! e ella, que é tão boa, tão delicada e... tão branca! acrescentou uma rapariga morena, de olhos pretos e longas tranças còr de ebano.

— Ora! todas as inglezas são brancas, retrucou outra sacudidamente.

— Quem perguntasse ao doutor, lembrou timidamente outra.

— E se elle der alguma resposta torta?

— Fica com ella tornou a mais velha das Almeidas.

E quando o veneravel Esculapio passava atravez d'aquelle Seylla e Charibdis, a pequena interrogou com a sua voz mais melliflua:

— Então, sr. doutor?

O illustre medico parou, como que sacudido nos seus pensamentos mais secretos, encarou a sua interlocutora atravez do crystal dos oculos, e machinalmente, com essa voz guttural dos individuos que desejam mostrar a toda a gente a sua importancia, respondeu com uma falsa urbanidade:

— *So so, but so so.*

As mulheres sorriram e a pequena, cantando, disse:

— Ah! sr. doutor, olhe que não está em casa de *miss* Carey.

O doutor fez um gesto como de quem é chamado de uma portentosa meditação ao dominio mesquinho da realidade, e dignou-se explicar em bom portuguez:

— Assim, assim.

E continuou ligeiro o seu caminho.

— Aquella está ali, está debaixo da terra, exclamou a velha matrona do conclave, com o seu grande ar de sibylla.

— Talvez não esteja, retrocou logo a mais nova das Almeidas.

Houve um sobresalto geral. A Annica sabia grandes cousas, e era isso natural, porque tinha uma prima a servir em casa da ingleza.

Todos os olhares se cravaram no picante rosto da Annica, com essa curiosidade indiscriptivel que, só os que teem tido occasião de observar mulheres, podem comprehender.

A rapariga, enthusiasmada com ser o alvo da attenção geral, contin-se crescer quatro palmos na sua vaidade, e não poz abo-

— Então não é o correio? interrogou outra rapariga, desejosa de que duvidassem da palavra honrada da Annica.

— Estupida! bradou a Annica, cheia de uma legitima colera: são as cartas de namoro!

Um raio que cahisse no meio da sociedade, não teria produzido tanto assombro nas incorrigiveis bishilhoteiras. A ingleza odiada, por ser rica, loura e magra, de uma transparencia ideal, e ainda por cima soffrendo do peito como uma princeza, passava de repente ao estado commum de todas as mulhières novas — a amar. Uma ingleza que parecia ser feita de marmore de Carrara, para enfeitar um salão, a escrever cartas de namoro talvez cheias de fogo, entrecortadas de suspiros!

E as vizinhas, seismando o medonho espaço de dois minutos, sobre o maravilhoso caso, irromperam febrilmente em perguntas. A Annica tomou aos olhos d'ellas proporções epicas; sabia tudo, tinha talvez cheirado alguma das famosas cartas de namoro.

— Pois se eu é que as levo ao rapaz! disse a rapariga com fingida ingenuidade.

Desde os tempos da descoberta do Funchal por João Gonçalves Zarco, nunca gargantas humanas de senhoras vizinhas soltaram tão estrepitosas exclamações, como as que resoaram na rua estreita que ia ter á praia.

— Ai! Annica da minha alma! dize lá quem é elle? Quem é, quem é, quem é? gritavam de todos os lados aos ouvidos da pobre rapariga.

— Coos! que inferno! Vocês são peiores que as furias! Lá vae.

Fez-se logo um silencio sepulchral de porta para porta, e os bordados escorregaram das mãos.

— E' o Mendonça, da alfandega, disse a Annica com a sua vozinha aflautada.

— O que, o aspirante?

— Esse mesmo. Porque? Não teve a inglezinha bom gosto?

— Oh! lá por esse lado... elle é um rapaz bem bonito.

— E' muito namorador.

— Mas é filho d'um morado.

— Que por signal não tem vintem.

— Oh! tambem a *miss* não é mais rica do que elle, acrescentou a Annica.

Quasi todas as bordadoras espetaram a agulha nos dedos, tal foi o seu espanto ao ouvirem esta fulminante informação, sempre grave n'uma terra onde são considerados todos os inglezes como millionarios.

— Isso é lá possivel! observaram todas em côro. Então um homem larga da sua terra com uma filha doente do peito, e vem para aqui gastar um cabedal sem ter com que?!

— E' n'isso que está o segredo da doença da menina, tornou a Annica com um sorrisinho travesso.

— Tu estás mas é a divertir-te á nossa custa.

— Juro que digo a verdade. O pae da menina é professor e não tem senão o seu ordenado; mas uma irmã d'elle, muito rica e que não tem senão um filho, quer que elle case com a prima. E' por isso que vocês veem sempre atraz d'ella esse inglez esgalgado. A menina não gosta d'elle, mesmo nada, e tomou tal horror ao casamento com semelhante bruto, que até adoeceu. Mas aqui, conheceu o Mendonça, quando elle foi a bordo verificar o que ella tinha dentro do bahu...

— Tu estás doida, rapariga? Da mala, é como se diz.

— Pois sim, seja o que quizeres. O que é facto, é que a menina ficou logo perdida de amores pelo Mendonça, e de tal modo elle se tem havido que...

E a Annica fez uma longa pausa, encarando mais maliciosamente as suas companheiras.

Estas, farejando grosso escandalo, acercaram-se instinctivamente, perguntando como as coristas da Cadiz:

— Que?...

— Ora! Que a esta hora já elles estão a grande distancia de terra.

— Então fugiram?

— Ha meia hora que passaram por diante de nós...

Todas as mulheres deram um pulo de surpresa.

— Isso é lá possivel! exclamaram pallidas de espanto.

— Sim é, affirmava a Annica em claras gargalhadas. Foi aquelle carro com as cortinas còr de rosa completamente fechadas, que passou. Dentro ia a menina disfarçada n'uma ingleza velha, e minha prima vestida com o fato d'elle.



MADAME CARNOT

—Ah! que grande pega pregada ao tal primo! exclamaram rindo as raparigas.

—Ora, como sabem, continuou a Annica, sae hoje um vapor para a America. O Mendonça, que pediu licença por um anno, vae tambem com ellas.

—Mas o inglez vae telegraphiar para toda a parte, e onde elles desembarcarem, são immediatamente presos, observou a velha.

—Tudo está previsto, tornou a Annica. O sr. Mendonça desembarca, sómente acompanhado de minha prima vestida com o fato de miss Carey.

—E a tua prima é presa.

—E' isso o que se quer, porque a hão de enviar outra vez para aqui, suppondo ser a filha do sr. Carey, e sem quererem, pagam-lhe a passagem.

—Ha de ser bonito vêr a cara dos inglezes quando virem a tua prima.

—E a miss Carey?

—Ah! essa desembarca tranquillamente com uma familia argentina, declarando-se professora, e como apresenta uma cabelleira e uma pintura de setenta annos, ninguém desconfia, e lá segue para Buenos Ayres, onde vae reunir-se-lhe o Mendonça.

—Rapazes! ai! os rapazes são o diabo! exclamou a matrona com um profundo suspiro, o que fez rir estrondosamente as raparigas.

E descendo todas á praia, impellidas pela curiosidade, por esse interesse secreto que tem todas as raparigas em assumptos de amor, viram o paquete cortar orgulhosamente as aguas, onde se reflectia o azul do céu, dirigindo se para o paiz da liberdade, onde os padres abençoam a vapor os nubentes.

Como a graciosa Annica havia dito, o respeitavel mister Carey telegraphou para todos os paizes do mundo em geral, e para a America em particular, tendo a satisfação de receber a noticia da prisão da fugitiva e do seu regresso ao Funchal.

O sobrinho ia todos os dias, com o seu melhor oculo de alcance, longo de um metro, que poderia rivalisar com os canhões Armstrong, para a praia, fiscalisar com olho raivoso o horisonte, até que enfim poudo um dia abrir desmedidamente a sua enorme bocca de parvo, diante da gaiata creadinha de miss Carey, vestida de ponto em branco, com o melhor fato da menina.

Quando o joven inglez e infeliz namorado crescia com os punhos cerrados sobre a endiabrada rapariga, ella, com essa pose superior das mulheres bonitas, acalmou o logo, gritando-lhe, sem cerimonia:

—Socegue, seu espantalho, trago-lhe aqui uma carta da menina.

E entregou-lhe uma carta da miss, que lhe pedia perdão, com muito bonitas palavras, do grande desgosto que lhe tinha causado; mas enganava-o, e declarava-lhe que nunca mais a veria; dava-lhe, pois, com um forte *shak-hand*, o eterno adeus, um adeus para sempre.

O pae da miss, que cahira anniquilado sobre um fauteuil, recebeu tambem outra carta, que se apressou a ler. Ainda, porém, o pobre homem não tinha acabado a leitura, quando um estampido onho abalou todo o predio. Olhou em volta de si, e vendo-se só, teve um presentimento e correu para os aposentos do sobrinho.

O desgraçado tinha feito saltar os miolos. Na mão crispada, via-se-lhe a carta fatal de miss Carey.

—Tres dias depois d'este funesto desenlace, mister Carey chamou a cread ta da filha, e disse-lhe com toda a gravidade de um inglez, augmentada com a de professor:

—Como vio, meu sobrinho morreu, e por esse motivo, eu fiquei herdeiro de toda a sua fortuna, visto que a mãe d'elle morreu tambem em Inglaterra ha uns oito dias. Nada me levava a desejar que minha filha casasse com meu sobrinho, senão o facto de assegurar o seu futuro; agora, porém, nada me impede de chamar para junto de mim minha filha, e conto consigo para me indicar com verdade onde ella se acha.

—Que o sr. o que queria era saber o paradeiro da menina, para a mandar prender pela segunda vez. E demais, bem sabe que ella ama o Mendonça.

Então mister Carey levantou se solenne, altivo, como se estivesse em frente dos seus alumnos na Universidade, e disse:

—Respeito o capricho de miss Carey, desejo que ella case com o Mendonça. Embarquemos ambos para a America e vamos buscá-los.

—E quem me afiga que o sr. falla verdade?

—Juro-o pela honra da Inglaterra!

—Então acredito, porque, quando um gentleman jura pela honra de Inglaterra, nunca falta á sua palavra.

Só uma rapariga filha do Funchal, pderia dar semelhante resposta.

O inglez, completamente tranquillo ácerca da sinceridade da rapariga, e ao mesmo tempo repleto de orgulho satisfeito pelo prestigio do nome inglez, que aquella resposta acabava de frisar, respondeu energicamente:

—Oh! yes! yes! yes!

E no dia seguinte, embarcava, mais a creada, sem se importar com as más linguas, cheio d'esse soberano desprezo britânico, que os inglezes empregam para apagar as nodoas da critica, com a mesma abundancia com que empregam o seu sabão.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

AS NOSSAS GRAVURAS

BRANCO RODRIGUES

Um excellento rapaz e um trabalhador infatigavel, que desde tenros annos evidenciou notavel propensão para o professorado. Ainda muito creança, era sua occupação predilecta ensinar a ler quantos d'elle se approximavam e que não possuissem esse dote.

Com o decorrer do tempo, mais se foi accentuando a primitiva tendencia, de forma que, bem novo ainda, e logo que adquiriu pelos seus estudos os conhecimentos precisos, abraçou a profissão do magisterio, que tem exercido com provada intelligencia, não só em lições particulares, mas tambem em cursos publicos, em alguns dos principaes collegios de Lisboa.

Agora acaba de fundar o Instituto de ensino para cegos já bem conhecido pelas indicações da imprensa.

Eis a historia da sua fundação.

O distincto medico ophthalmologista, dr. Mascaró, particular amigo de Branco Rodrigues e pae de dois dos mais dilectos discipulos d'este professor, fallou-lhe do ensino dos cegos, expondo-lhe os differentes processos para este ensino e exaltando sobre todos o de Llorens, illustre director da Escola de Cegos em Barcelona.

D'esta conversação nasceu a idéa altamente sympathica e humanitaria da fundação do Instituto, em que os cegos pobres e analphabetos são ensinados pelo methodo de leitura e escripta de Branco Rodrigues, servindo-se do systema de Llorens para que os destituídos de vista possam comprehender o processo de rapidamente aprender a ler, e tão rapido que, em poucas lições, já possui alguns discipulos cegos habilitados a serem leccionadores.

A inauguração do Instituto é de recente data; teve logar no consultorio do dr. Mascaró, em 15 de fevereiro ultimo.

Branco Rodrigues é um trabalhador altamente devotado ao ensino, especialmente dos analphabetos. Os seus meios de fortuna pecuniaria dispensavam-n'o de tantas fadigas; no entanto, é tal a sua dedicação pelo ensino e tamanha a sua philantropia, que não se poupa a trabalhos como professor nem a encargos como philantropo.

Justificando esta ultima qualidade está o modo como cumpre a missão do ensino dos cegos. É gratuito o seu trabalho, isento do mais pequeno interesse, e unicamente dictado e estimulado pela caridade e pelo prazer da pratica d'uma obra

pobres ou ricas, a ler e escrever, habilita todos os que se propõem dedicar-se ao ensino dos faltos de vista, e fornece pelo correio, às pessoas das provincias ou de fora do reino, as indicações precisas para adquirirem aptidão ao ensino dos cegos.

D. IZABEL DE LABOURDONNAY GONÇALVES DE PINHO

Uma senhora intelligentissima e altamente illustrada, que a morte ha poucos mezes arrebatou no Rio de Janeiro, sua patria.

Nascera ali a 1 de fevereiro de 1855, filha de paes illustres e opulentos—Boaventura Gonçalves Roque, hoje visconde de Rio Vez, e D. Maria Luiza de Labourdonnay Gonçalves Roque, senhora caritativa e virtuosissima—e desposára ha annos o conselheiro José João Martins de Pinho.

D. Izabel de Pinho havia cultivado com esmero as linguas franceza, italiana, allemã e ingleza, que escrevia e fallava correctamente.

Bordava com apurado gosto, e eram-lhe familiares todos os misteres caseiros.

Com a musica e com o desenho entretinha intimas relações de bom e aproveitado discipulo.

Na pintura, que cultivava com enthusiasmo, a sua vocação especial era a paizagem.

Ainda quando discipula de Vinet, um emerito paizagista francez, que foi o seu principal professor, concorreu com os seus primeiros trabalhos d'este genero á Exposição Imperial Academica de Bellas Artes, conquistando tantas menções honrosas quantos fôram os quadros expostos.

Depois, e apesar do casamento e dos deveres maternos,—que tantas vezes concorrem, indevidamente e pelo falso ponto de vista de uma educação erronea, para matar vocações e anular o fructo de muito estudo,—continuou sempre a trabalhar e a aperfeiçoar-se no seu genero predilecto.

Só em 1886, porém, appareceram á luz da publicidade os seus trabalhos.

E com tamanha modestia e com tão grande desapego a glorias por parte de D. Izabel de Pinho, que, laureada com o primeiro premio—Medalha de ouro—não houve convencel-a de a ir pessoalmente receber.

Foi isto na Exposição Artistica e Industrial de Petropolis,—a qual D. Izabel visitava quasi diariamente por amor ao estudo, mas a cuja sessão solemne se eximiu de assistir, talvez por lhe caber n'ella o logar de honra.

Além d'este premio, a municipalidade de Petropolis, promotora da Exposição, querendo manifestar-lhe a sua particular admiração, adquiriu e offereceu-lhe uma paizagem, tambem premiada, do notavel paizagista allemão, Papf.

Este facto honrosissimo attesta plenamente o grande valor artistico dos trabalhos de D. Izabel de Pinho, que fôram muitos, quasi todos elles copias do natural, taes como o panorama da cidade e bahia do Rio de Janeiro, tirado do alto da serra de Petropolis.

O seu ultimo trabalho intitula-se o *Corcovado*.

Quando cresceu de intensidade a doença que a minou e precipitou no tumulo, D. Izabel de Pinho, por conselho medico, não descia dos aposentos superiores da sua casa, no Cosme velho, de onde se descortinava o *Corcovado*.

Foi d'ahi que tirou origem este quadro; e causará espanto saber-se que adiantada já em extremo da sepultura, dois mezes antes do termo da fatal doença, ainda D. Izabel de Pinho lhe dava as ultimas demãos, deixando-o apenas sem o *Chapeu de Sol*, que corôa hoje o cimo d'aquella montanha.

A illustre finada não deixou apenas memoria de si como artista distinctissima; deixou-a tambem como senhora caritativa, sempre e benfazeja.

E' que com a sua bem entendida modestia se não casavam os europeis da ostentação; e se o seu nome sahiu algumas vezes a publico, não foi de certo com o seu consento, podemos affirmar-o.

MADAME CARNOT

E' a esposa do actual presidente da Republica franceza.

Chamada a partilhar uma parte dos deveres de seu marido, madame Carnot, que até então subordinara sempre as suas obrigações mundanas aos seus cuidados de mãe de familia, tomou a peito o pesado encargo que o destino lhe trouxe, e tem-se mostrado, em todas as circumstancias, á altura da sua nova situação.

O palacio do Elyseu, graças a madame Carnot, tomou uma physionomia differente. A amenidade correcta do presidente da Republica e a gentileza de sua esposa, tem attrahido ali, tanto nas recepções intimas como nas festas officiaes, uma sociedade escolhida, que guarda a mais grata recordação do acolhimento feito pelos donos da casa.

Madame Carnot nasceu em Paris; é filha de mr. Dupont-White, advogado distinctissimo e escriptor illustre,—que em 1868 foi secretario geral do ministerio da justiça.

Do seu casamento com Sadi-Carnot, realisado em 1864, quando elle era apenas um simples engenheiro, tem tido quatro filhos, a quem consagra affectos e desvelos de mãe amantissima.

O CONSELHEIRO RODRIGUES BASTOS

O conselheiro Jacintho Fernandes da Rocha Rodrigues Bastos nasceu em Lisboa aos 16 d'agosto de 1824. Filho de paes extremamente pobres, foram immensas as difficuldades com que luctou para estudar, mas soube vencel-as com aquella energia e força de vontade que todos lhe reconheceram.

Estudante applicado e possuidor d'uma intelligencia clara e lucida, foi-lhe facil completar o curso a que se destinara, sendo promovido a guarda marinha graduado em 22 de outubro de 1840 e a effectivo em 12 de março de 1842.

Em 1863, sendo já primeiro tenente, embarcou como immediato na fragata *D. Fernando*, que, pouco depois de sair de Moçambique com destino a Lisboa, desarvorou. Um violento furacão arrazou-lhe os mastros; o mar encarregou-se de destruir o leme.

O navio, sem governo e sem rumo, caminhava ao capricho das ondas, parecendo que a natureza estava empenhada em aniquilar fragata e guarnição. A scena commovente, desesperada que ali se passou, é impossivel de descrever. No meio, porém, de tão horrivel tragedia, distinguio-se Rodrigues Bastos, que fez tudo quanto humanamente se pode exigir d'um marinheiro e d'um militar. Como marinheiro, foi o braço direito e o apoio de Frederico Carlos Rosa, então commandante; como militar, soube manter a guarnição na mais rigorosa disciplina, animando-a com a palavra e com o exemplo.

Estes brilhantes serviços, prestados em tão angustiosas circumstancias, as provas de coragem e valentia manifestadas em tão difficeis transes, valeram-lhe o ser agraciado com habito da Conceição.

Mais tarde, por serviços prestados na estação naval de Moçambique, foi agraciado com a commenda d'Aviz.

Nomeado em julho de 1881 capitão do porto de Lisboa e chefe do departamento maritimo do centro, foi mais um ensejo que os poderes publicos lhe deram para elle tornar bem evidente a sua rara actividade, e o espirito verdadeiramente organisador que possuia.

Modificou e melhorou muitos dos serviços dependentes d'esta importante repartição, e foi presidente da commissão encarregada de organizar um regulamento para as capitaniaes dos portos dos reinos.

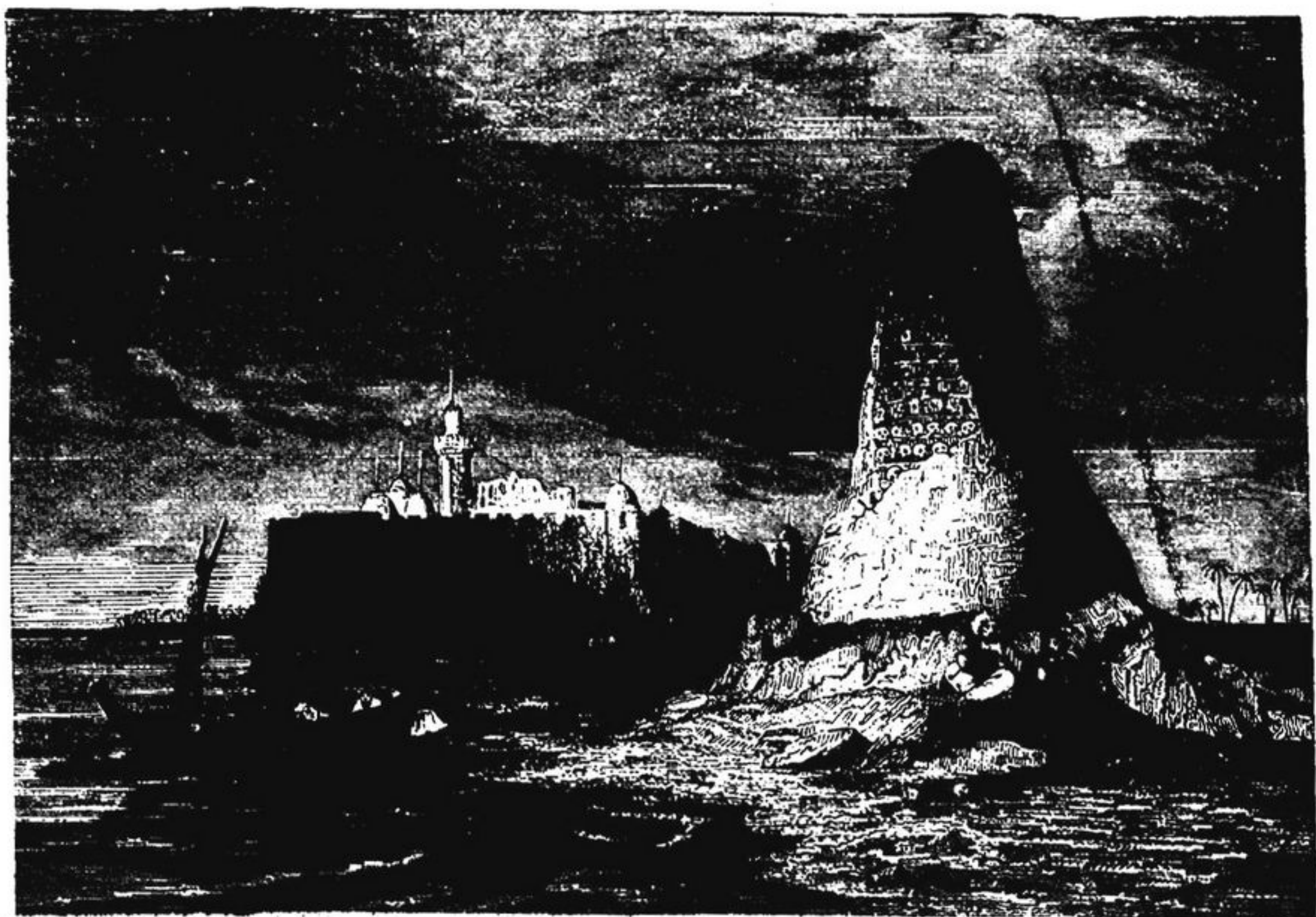
Ainda como chefe do departamento maritimo do centro, prestou importantes serviços, sendo elle o primeiro a



O CONSELHEIRO RODRIGUES BASTOS



DR. JOSÉ ISIDORO JORGE



ZERI, A TORRE DAS CABEÇAS

recebeu do consul de Hespanha os mais expressivos agradecimentos.

Era membro da junta consultiva de marinha e da commissão permanente de artilharia naval.

Além das ordens portuguezas que lhe haviam sido concedidas, foi tambem, por serviços prestados a navios estrangeiros, agraciado com as commendas da Ordem da Corôa d'Italia, da Corôa da Prussia e da Imperial Ordem da Rosa do Brazil. Contando 51 annos de serviço, poderia ter-lhe sido concedida a medalha de ouro de comportamento exemplar, se a houvesse solicitado.

Um presente de pasteis, offerecido em nome d'um filho, veio fatal-o.

Os pasteis estavam envenenados, e Rodrigues Bastos, tres dias depois de os comer, ficou completamente paralytico dos bracos e das pernas, até que a morte, no fim de quatro mezes de soffrimentos cruciantes, moraes e physicos, o veio arrebatár.

Era pungente e dolorosissimo ver aquelle infatigavel trabalhador, aquelle homem de rija tempera, reduzido a não se mecher. Apesar, porém, de todo o seu soffrimento e de instado para declarar se suspeitava de quem seria o criminoso, respondia sempre que, suspeitando de muitos, não podia nem queria apontar nenhum, para não prejudicar algum innocente.

Rodrigues Bastos legou aos filhos um nome honrado e numerosos actos de justiça e de dignidade, que elles devem tomar como exemplo. Com a sua morte, o estado perdeu n'elle um leal, infatigavel e honrado funcionario, e a Armada real um esclarecido official e um bom camarada.

DR. JOSÉ ISIDORO JORGE

Foi simplesmente um homem de coração, intillegente e illustrado, este distincto medico que ha pouco se finou, e passou os annos, desde a sua mocidade até a sua velhice, praticando o bem, exercendo a clinica mais por amor da arte, do que pelo interesse, — levando a maior parte das vezes a cabeceira dos enfermos pobres, não só a restituição da saude que lhes fugia, como tambem o pão que lhes faltava.

A aureola que envolve o nome do dr. Jorge, não lhe provém do ruido que porventura—durante a vida—lhe houvesse e denunciado o nome. Provém, sim, d'esse pudor especial da sincera modestia com que sempre procurou occultar os seus verdadeiros meritos e incontestaveis virtudes, — predicaes que fizeram da sua vida um formoso exemplo d'amor, d'abnegação e de trabalho.

Em 1852 completou o curso de cirurgia-medico na escola de Lisboa, tendo apenas 25 annos de idade, pois nascera em 1827.

Foi distincto o seu curso, sendo apenas interrompidos os seus estudos, como succedeu a todos os estudantes d'esse tempo, pelas luctas politicas de 46.

Os seus primeiros clientes foram os socios da *Sociedade Maritima Lisbonense*, associação muito pobre, mas muito bem administrada, que elle só ultimamente, quando a doença fatal o impossibilitou acorrentando-o á cama, abandonou de todo. Bastantes vezes lhe ouvimos que, muito embora doente, enquanto sentisse forças não deixaria de prestar serviços aquelles que lhe deram o primeiro pão a ganhar.

De 1855 a 1857, a crise sanitaria em Lisboa foi horrorosa, como todos se lembram; pois o dr. Jorge prestou taes serviços nos focos das epidemias, que El-Rei D. Pedro V concedeu-lhe a medalha da febre amarella e o habito da Torre e Espada.

Era tão modesto, que nunca usou estas medalhas.

A primeira vez que lh'as vimos sobre o peito foi quando lhe fizeram a sua derradeira e funebre *toilette* para o metterem no caixão.

Soldado leal do partido regenerador, o dr. Jorge,—nas occasiões em que este partido predominava,—por mais d'uma vez recusou ser camarista e ser deputado. Algumas condecorações que então lhe offereceram, recusou-as.

Ahi vai um facto que o define perfeitamente. Como se sabe, o doutor Jorge era sub-delegado de saude ha bastantes annos. Ora o bispo de Vizeu, em 1868, reformou, organizando a seu

Alguem aconselhou o dr. Jorge a que fizesse outro tanto. Elle respondeu sacudidamente:

—O ministro ha-de fazer-me justiça. E não deu um passo.

Effectivamente, o bispo de Vizeu não só o conservou no quadro, como lhe melhorou a posição.

No dia 23 de maio findo, pelas 9 horas da manhã, a lesão cardiaca que o prostrava havia mezes, fulminou-o. A sua agonia foi rapida.

Nas disposições que préviamente prescrevera, determinou que não queria que se fizessem convites para o seu enterro, nem que se participasse a sua morte senão passados tres dias, dispensando tambem as honras militares a que tinha direito como cavalleiro da Torre e Espada. Assim se lhe fez.

ZERBI, A TORRE DAS CABEÇAS

Zerbi é uma pequena ilha na costa de Tunis, no golpho de Cabés. A sua população, muito industrial e commerciante, é de 45:000 habitantes.

Marius, expulso de Carthago, refugiou-se n'esta ilha. Os hespanhoes tomaram-na em 1310, sendo expulsos em 1336; tornaram outra vez a conquistá-la em 1560, perdendo-a de novo n'esse mesmo anno.

Em Zerbi vê-se ainda hoje uma torre formada de craneos humanos. Foi feita pelos naturaes da ilha, em seguida á ultima batalha, e construida com as cabeças dos hespanhoes mortos no combate.

HIGINIA BALAGUER

O tribunal de Madrid publicou no dia 29 do mez findo a sentença relativa ao processo da rua de Fuencarral d'aquella cidade, processo extraordinario, que deu muito que fallar e que,—pode dizer-se,—impressionou a Europa inteira.

E' conhecida a historia do crime da rua Fuencarral. Já aqui a relatámos, ao publicar os retratos de Vasquez Varela, o então supposto assassino de sua mãe, e de Millan Astray, o director do Carcere Modelo, accusado de cumplicidade n'aquelle terrivel e mysterioso drama.

O julgamento teve nada menos de 34 sessões, em que foram ouvidas dezenas e dezenas de testemunhas.

A sentença declara authora do delicto complexo de assassinio, roubo e incendio, a creada da assassinada, Higinia Balaguer, de quem damos hoje o retrato. Em virtude d'isso, foram-lhe impostas respectivamente as penas de morte, reclusão perpetua e 18 annos de reclusão.

Dolores Avila, cumplice no crime, foi condemnada a 18 annos de prisão, sendo absolvidos os restantes accusados, Maria Avila, Millan Astray e Vasquez Varela.

Higinia Balaguer mostrou-se muito surprehendida com a sentença; esperava que o tribunal a absolvesse, ou que lhe impozesse uma pena ligeira. Ao saber que fôra condemnada á morte, desatou a chorar copiosamente.

Diz-se que a rainha regente de Hespanha concederá o indulto a Higinia. Se assim fôr, ficará esta condemnada a prisão perpetua.

A RIR

Um sujeito qualquer suja os sapatos na lama da rua, e limpa-os com o chapéu.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADA

P'r uma rua, a tudo alheia,
 Ia dama nada feia
 Sobreçando enorme embrulho:
 N'isto um typo, um velho tolo,
 Dando-se ar's de terno rolo,
 Lhe diz á laia d'arrulho: 1

—Gentil dama da minh'alma,
 A um cherubim leva a palma
 Vosso rosto galantinho...
 Mas que vejo! bella fada!
 Como vae tão carregada!
 —Quer que leve o embrulhosinho?

Mal que ouvin d'elle tal rogo,
 O embrulho ella lhe dá logo,
 Soltando uma risadinha;
 E o asno, assaz carregado,
 Procura ser engraçado,
 Mas ella... nem palavrinha!

O D. Juan lá vae, coitado,
 Com o embrulho, carregado,
 Atravez de ruas mil;
 Nos braços o vae mudando,
 Muitas vezes resmungando;
 —Tem o pezo d'um candil! 1

A' dama nada lhe escapa.
 D'elle se ri á sucapa
 Por o ver em tal tortura;
 Emfim, leitor, dizer vou,
 Como p'ra o parvo acabou
 D'amor a sua aventura.

Perto da porta, ao pateta,
 Tira ella o fardo e qual seta
 Em casa veloz se mette.
 Fechando a porta depressa.
 E o tolo, que bella peca!
 Qual gallego, fez um frete!

MATHEUS JUNIOR.

LOGOGRIPHO

(Imitação)

Folha verde forasteira 14, 20, 1, 22, 39, 10, 41, 33, 1
 Que o tufão arrebatou: 5, 24, 57, 30, 17, 2, 15
 Pobre folha peregrina
 Como tu também eu sou. 3, 32, 31, 36, 25, 52, 6, 33, 45, 46

No teu val'todo poesia, 13, 7, 8, 9
 Gemia a brisa saudosa, 21, 18, 16, 27
 E as flôres odorantes, 42, 41, 11, 26, 47, 34, 56
 A açucena, o cravo, a rosa, 49, 51, 37, 19, 20, 12

Punham no ar uma nota 38, 40, 51
 D'uma alegria sem par,
 E as aguas murmurando, 26, 58, 39, 43, 61
 Convidavam a sonhar.

Veio o tufão; e as flôres 45, 29, 26, 41, 60, 4
 Foram batidas, morreram.
 E as flores que gemiam 44, 54, 48, 60, 41, 35, 50
 De papico emmudeceram. 3, 18, 38, 45, 43

N'um sonho ledo, tão bello, 28, 54, 20, 9, 43, 55, 53
 Tinha minh'alma embebida;
 Acordou-me um desengano, 59, 21, 39, 54, 4
 Fiquei p'ra sempre deserta.

E vagueio errante e triste,
 Como tu, folha per'grina;
 Como tu sou forasteira,
 Tua sina é minha sina.

Faro.

M. CAROLINA C.

Decifrações

DAS CHARADAS: —Causa —Melodia—Garrafa.
 DO ENIGMA: —LIMA.

SOBRE O TUMULO DE UM VELHO PADRE

Foi simples, doce e alva como o arminho
 A sua vida humilde e resignada:
 Ensinou-nos o mystico caminho,
 Fallou do Bem, de coisas transcendentas,
 Depois tomou a radiosa estrada
 Feita da luz dos olhos innocentes! ..

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

A NEVE

A natureza inteira vestida de noiva! O sangue dos lírios immaculados correndo em ondas sobre todas as cousas! O céu baixo, como para inclinar o beijo das nuvens para a terra fremente. A neve! Uma pennade cysne flactuando no ar como se Jupiter ali se encontrasse, fazendo balangar as derradeiras caricias de Leda! As collinas de marmore como as ruínas d'um templo!

As arvores semelhantes a admiráveis depositos de confeitos, e um golpe de vento dispersando a caixa de pó d'arroz de Cybele. Não posso dizer os bellos sonhos que me nascem no espirito por causa d'esta visão de candura. Bebo, como um sedento, n'esta nascente de leite que jorra dos peitos da antiga ama dos homens.

A neve! que quadro para um poeta e que mau encontro para um caçador!

Ora, o pae Guilherme tinha-nos dito gravemente, ao collocar a espingarda ao canto da alta chaminé:

—Senhores, parece-me que não poderemos cagar amanhã.

—Então porque? perguntou Tateminet.

—Provavelmente cairá esta noite muita neve.

—Bem! que fazer! continuou o meu companheiro. Vir uma pessoa exilar-se n'este cantinho de Borgonha para matar algumas aves, e ser forçado a passar o tempo jogando o ecarté como em uma taberna! E' lei ridicula! Todas as leis assim são.

Vão lá ver se os selvagens, que teem mais juizo do que nós, escolhem para perseguir a caça a melhor occasião! Não são tão tolos. Mas tu não te indignas?! Pode dizer-se, como actualmente: «Estás lá ou és de pau?»

—Isso não, respondi-lhe eu, não pensava agora senão na minha vida.

Estava enamorado.

—Boas noites, meus senhores, accrescentou o pae Guilherme. Se amanhã antes do romper da aurora virem o solo cheio de farinha, não se levantem. E' mister que os passos dos cabritos sejam visiveis na relva.

E o guarda tratou de se recolher a casa, situada do outro lado da propriedade. Para concluir a topographia do lugar, o que é essencial n'esta narrativa, acrescentarei que Tateminet habitava um pavilhão construído em um canto do parque, próximo em frente da casa de Guilherme, enquanto que eu occupava uma sala da casa de Chénier, do qual a minha decida-

Dêmos algumas voltas pelas ruas do parque antes de nos recolhermos aos nossos respectivos aposentos. A areia estalava sob os pés; havia no ar vapores humidos, nos quaes parecia morrerem as estrellas. O pae Guilherme não se tinha enganado.

—Que pensas da Luizinha? perguntou-me o meu camarada á queima roupa.

Estremeci. Luizinha era a filha de Guilherme.

—Acho-a adoravel e judiciosa, respondi eu com indifferença apparente.

—Lá isso é! tornou Tateminet. Respondo por isso.

—E' pena. Tem os olhos mais lindos do mundo. E' inutil fazer-lhe a corte.

—Perfeitamente inutil, até indelicado, porque seu pae é um velho militar digno de todos os respeitoes.

—Mais que indelicado, receb' dos como fomos n'esta hospitaleira casa.

—Nunca pensei em tal, apesar d'ella ter uns labios singularmente tentadores.

—Nem eu tão pouco, podes crer.

—Boa noite!

—Boa noite!

Guilherme, para se certificar do que tinha feito a filha, bastava seguir os vestigios dos passos! Luizinha estava perdida! perdida para mim, a innocente e meiga creatura! Entendi que podia apagar os malditos signaes e vesti-me como um louco para começar o trabalho reparador.

Um instante depois achava-me no parque.

Os passos da minha adorada lá estavam, bem escriptos, e até tive a tentação de os beijar. Mas o tempo voava. Fazia um frio dos diabos. A melhor posição para tal trabalho era a de joelhos.

Principiei a andar de gatas, pesadamente, como um elephante, e comecei a tarefa, alisando o solo onde Luizinha tinha deixado a sua deliciosa marca.

Não andava depressa, mas conscienciosamente. O meu caminho estava traçado. Bastava guiar-me. Iria ter certamente a casa de Guilherme.

Oh! meu Deus! dois riscos longos no chão... duas mãos abertas como patinhas de melro! Tinha escorregado e caído a pobre Luizinha! Oh! ceus! a flor que eu lhe tinha dado, vinda expressamente de Nice para ella, ficára sobre a neve! Tomei piedosamente a rosa, e occultei-a no seio.



HIGINIA BALAGUER

E quando não ouvia já os passos de Tateminet, pensava em mim.

Sim, estava enamorado de Luizinha, e era aquella a terceira noite que a aguardava. Quando o pae Guilherme resonava, saía ella furtivamente. Uma pedrinha nos vidros. Eu abria. A conversa durava até ás quatro horas da manhã. Pela terceira vez Luizinha desapareceu. Nunca me parecerá tão deliciosa como n'esta derradeira entrevista. Tinha-me mettido só nos lençoes, depois da sua partida, alegria sybaritica que recommendo aos meus contemporaneos.

Quando duas horas mais tarde fui á janella, dei um grito de alegria. A neve! Tinha nevado toda a noite, como o pae Guilherme havia previsto.

Uma idéa subita me veio cortar a alegria. Uma inquietação, uma intoleravel angustia. Julguem e vejam se a reflexão não era para aterrar um homem. Se os passos dos animais se reconheçam na neve, succedia absolutamente o mesmo com os passos das pessoas. Os pésinhos da Luizinha, os seus pésinhos de

Continuei a apagar os vestigios da minha amada, sem levantar a cabeça. Quando a ergui, estava em frente do pavilhão de Tateminet.

Luizinha, antes de entrar entra em casa de seu pae, tinha ido fallar a Tateminet.

Como são as mulheres!

Em um primeiro movimento de raiva quiz arremessar para longe a rosa tão religiosamente apanhada do chão, e calcal-a aos pés...

Mas não! O que amamos, esses nadas que representam recordações, são o perfume das illusões mortas!

N'aquelle dia foi impossivel caçar.

Eu e Tateminet estávamos jogando o ecarté. Perguntei ao meu companheiro:

—Que pensas da Luizinha?

—Acho-a adoravel e ajuizada.

—Lá isso é verdade! respondeu eu, marcando o rei do pau.